

PORTA ABERTA

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n53p181>

O CORPO-FUTURÍVEL: ensaio sobre as recentes (re) descrições do corpo humano rumo à pós-organicidade

André Gonçalves Ferreira¹
Renato Cavalcanti Novaes²
Monique Ribeiro de Assis³
Sílvio de Cássio Costa Telles⁴

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo caracterizar e discutir um caminho percorrido pelo corpo na sociedade ocidental, da construção do conceito de corpo-propriedade até os dilemas pós-modernos que abriram as portas para uma nova corporeidade. Na Modernidade, o corpo fora submetido à ciência e aos meios de produção político-econômicos e, sob específicas condições, conduzido a uma descrição biologizante e utilitária. A Pós-Modernidade trouxe a crise identitária e o conseqüente hiperconsumismo, e assistiu esse modelo social depositar sobre o corpo suas diretrizes bioascéticas, redescrivendo-o. A necessidade de estender o tempo/espço de consumo do corpo aproximou-se dos avanços tecnocientíficos: fármacos, próteses biônicas, cirurgias plásticas, computadores de vestir, modificações genéticas. Os desejos de anulação das coerções biológicas, de melhorias estéticas e performáticas do corpo e até mesmo a imortalidade dão origem a uma nova descrição: o corpo-futurível.

Palavras-chave: Corpo. Cibercultura. Pós-modernidade

- 1 Mestre em Ciências do Exercício e do Esporte. Professor da Escola Sesc de Ensino Médio (SESC). Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: andferreira2018@gmail.com
- 2 Doutorando em Ciências do Exercício e do Esporte (UERJ). Professor do Centro de Instrução Almirante Alexandrino (CIAA/Marinha do Brasil). Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rennovaes@hotmail.com
- 3 Doutora em Educação Física. Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: monique_assis@uol.com.br
- 4 Doutorando em Educação Física. Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: telles.ntg@terra.com.br



Este texto está publicado sob uma licença Creative Commons
Atribuição NãoComercial-Compartilhável - CC BY NC AS
Mais detalhes em: <https://br.creativecommons.org/licencas/>

THE FUTURIBLE BODY: an essay on the recent (re)descriptions of the human body towards the post-organicity

ABSTRACT

This essay aims at characterizing and discussing a route pursued by the body in the western society, from the building of the concept of the body-property to the post-modernist dilemmas which provided a gateway to a new corporeality. In modernity, the body was submitted to science and to the political and economic means of production and, under specific conditions, conducted to a utilitarian biologizing description. Post-modernity has brought an identity crisis and the subsequent hyperconsumerism, and has watched this social model lay its bioascetic guidelines on the body, redescribing it. The need to extend the time/space of body consumerism indistinctly approaches the scientific breakthroughs: drugs, bionic prostheses, plastic surgeries, wearable computers, genetic modifications. The desire to void the biological coercions, functional and aesthetic improvements of the body and even immortality give rise to a new description: the future body.

Keywords: Body. Cyberculture. Postmodernity

EL CUERPO FUTURIBLE: ensayo sobre las recientes (re)descripciones del cuerpo humano rumbo a la pos-organicidad

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo caracterizar y reflexionar acerca de un camino recorrido por el cuerpo en la sociedad occidental, desde la construcción del concepto de cuerpo-propiedad hacia los dilemas posmodernos que han abierto las puertas para una nueva corporeidad. En la Modernidad el cuerpo hubiera sido sometido a la ciencia y a los medios de producción político-económicos y conducido a una descripción biologizante y utilitaria bajo condiciones específicas. La Posmodernidad ha traído la crisis identitaria y, consecuentemente, el hiperconsumismo, asistiendo ese modelo social depositar sus directrices bio-ascéticas sobre el cuerpo y redescribiéndolo una vez más. La necesidad de extender el tiempo/espacio de consumo del cuerpo se acerca indistintamente de los avances científicos: fármaco, prótesis biónicas, cirugía estética, ordenadores de vestir, modificaciones genéticas. Los deseos de anulación de las coerciones biológicas, de mejoras funcionales y estéticas del cuerpo y hasta de la inmortalidad dan lugar a una nueva descripción: el cuerpo futurible.

Palabras clave: Cuerpo. Cibercultura. Postmodernidad

INTRODUÇÃO

“Futurível vai além, ao ponto de propor um futuro possível. O eu da música é o cientista detentor da tecnologia (ou extraterreno mais avançado) falando para o homem comum (a cobaia) do teste de iniciação aos novos tempos a que ele será submetido, nesses termos: ‘Olha, você está sendo trazido para um novo estágio de humanidade, mas não se preocupe, isso é muito natural!’(...)”

Gilberto Gil⁵

A música Futurível de Gilberto Gil ganha contornos proféticos se considerarmos o que estamos “às-beiras-de-viver” a partir desse novo contato com o monólito negro⁶. Quase cinco décadas depois de sua composição, a letra – que parecia dialogar com um cenário ficcional ou ao menos improvável – assume real viabilidade com a ascensão da cibercultura:

Na hora em que se multiplicam os corpos virtuais, em que se aprofunda a exploração visual do ser vivo, em que se comercializam o sangue e os órgãos, em que se programa a reprodução da vida, em que se vai apagando a fronteira entre o mecânico e o orgânico mediante a multiplicação dos implantes, em que a genética se aproxima da replicação da individualidade, é mais que nunca necessário interrograr: ‘meu corpo será sempre meu corpo?’ (COURTINE; CORBIN; VIGARELLO, 2011, p. 12).

Assistimos aos avanços científicos da informática, dos modos de comunicação e da biotecnologia aliam-se às intermináveis sortes de desejos de aprimoramento do corpo. Estamos dando vida às criaturas que apenas habitavam nossos sonhos, especulações desmedidas e histórias de ficção. Nossa outrora pura organicidade parece estar sendo superada por uma condição híbrida, resultado da combinação de uma série de apetrechos maquinais com a dimensão biológica.

Suplementos alimentares, esteroides anabolizantes e psicofármacos. Próteses biônicas, computadores de vestir, chips subcutâneos. Seres geneticamente modificados, supersoldados, superatletas, supermodelos. Clones reais, avatares virtuais. *Biohackers*⁷. Constatamos sem esforço que a cibercultura tem alterado significativamente nossas sociabilidades e subjetividades (FEATHERSTONE; BURROWS, 1996; HAYLES, 1999; SIBILIA, 2002; MIAH, 2008; SANTAELLA, 2007; SILVA, 2000; SILVA; HARAWAY; KUNZRU, 2009).

Diante do exposto, o objetivo deste ensaio é apresentar e discutir um caminho percorrido pelo corpo na sociedade ocidental, da construção do conceito de

5 Disponível em: http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_interno.php?id=4

6 Referência ao ficcional monólito negro mostrado no filme 2001 – Uma odisseia no espaço, de Stanley Kubrick. Ele parece marcar simbolicamente os momentos de avanço social e tecnológicos do ser humano, desde a pré-história até os tempos de conquistas da Terra, dos demais sistemas e do próprio cosmos.

7 O *biohacking* é considerado, por alguns adeptos, como uma forma de melhorar as habilidades humanas por meio da tecnologia. O *biohacker* (praticante de *biohacking*) tem como meta um futuro em que viraríamos criaturas que não mais poderiam ser consideradas humanas, com corpos sintéticos e imortais. Algumas experiências já estão sendo realizadas: implantes de imãs, chips e próteses corporais.

corpo-propriedade até os dilemas pós-modernos que abrem as portas para uma nova corporeidade⁸, tecnobioascética. Entendemos que descrever a totalidade dos fatos é uma tarefa impossível. Para Veyne (1998), pesquisar no campo histórico é compreender que não existe um caminho único, pois a história está num cruzamento de itinerários possíveis, de questionamentos inúmeros, de repertórios teóricos distintos, que juntos estabelecem, justamente, o delineamento de um estudo.

Primeiro, optamos por conceituar esse corpo-propriedade que emerge entre os séculos XVI e XVIII (LE BRETON, 2011a), sua submissão, suas funções, sua queda: o corpo-cadáver-cidadão. Em seguida, a partir de uma perspectiva pós-moderna, conforme descrevem autores como Le Breton (2011a, 2011b) e Bauman (2001, 2011), debruçamo-nos sobre o corpo-hedônico que emerge da busca constante de experimentação e prazer. Por fim, descrevemos como a crise identitária, a elevada cooptação para o consumo e as práticas corporais bioascéticas (ORTEGA, 2008) inseridas em uma sociedade altamente tecnologizada (HAYLES, 1999; SIBILIA, 2002) deram origem a uma nova descrição corporal: o corpo-futurível.

O corpo-cadáver-cidadão

O corpo encarna um vocabulário em permanente elaboração, programado pelo próprio homem para que possa ser apagado e (re)descrito posteriormente – quantas vezes forem concebidas/demandadas pelos poderes e saberes vigentes. O corpo existe como uma criação cultural moderna marcada pela capacidade de ser corpo-receptáculo de sucessivas descrições (LE BRETON, 2006, 2011a, 2011b).

Entre os séculos XVI e XVIII, nasceu o homem da Modernidade e, também ontologicamente, a cisão entre o homem e seu corpo (LE BRETON, 2011b). O corpo é conduzido à condição de propriedade, ora como objeto físico – e descrito em suas qualidades fisiológicas –, ora como objeto simbólico – e descrito em suas qualidades culturais.

O corpo moderno fora descrito originalmente para que, dentro desse invento-vocabulário-corpo, houvesse também uma forma de destituí-lo, de decompô-lo para redescrevê-lo em seguida e novamente, de acordo com os (des)mandos e caprichos político-sociais. O corpo moderno nasceu com um sofisticado mecanismo de esvaziamento de sua potência humana em ser corpo humano; afinal, é mais simples (re)descrever sua posse do que a si mesmo:

8 A corporeidade humana é um fenômeno sociocultural e ao mesmo tempo, objeto de representações e imaginários (LE BRETON, 2006). Partindo da premissa de que a existência resume-se à condição exclusivamente corporal (LE BRETON, 2011b), a corporeidade responde por todas as ações cotidianas e, tendo a mediação do corpo como vetor operacional e semântico, é responsável não apenas pelas atividades perceptivas (ouvir, saborear, sentir e tocar), mas também, por significar o mundo ao redor, por exprimir sentimentos, por realizar ritos e cerimoniais de interação, gestos e mímicas, enfim, por reduzir o mundo ao seu corpo, a partir das significâncias simbólicas que ele é capaz de encarnar (LE BRETON, 2006; LE BRETON, 2011b; ORTEGA, 2008).

A invenção do corpo como conceito autônomo implica uma mutação do status do homem. A antropologia racionalista anunciada por certas correntes do Renascimento, e que se realiza nos séculos seguintes, não está mais incluída no interior de uma cosmologia; ela propõe a singularidade do homem, sua solidão, e paralelamente atualiza um resto que se chama o corpo. (LE BRETON, 2011b, p. 91).

Porém, sendo a forma única de enraizamento humano em vida (LE BRETON, 2006, 2011b), o corpo também foi criteriosamente vinculado aos complexos ditames de poder; foi alvo de proibições e obrigações que se impuseram na forma de descrições coercitivas. Os vocabulários descritivos desse corpo-objeto-propriedade na Modernidade desenvolveram-se baseados em dois arcabouços ideológicos: o anátomo-metafísico e o técnico-político: “Dois registros bem distintos, pois tratava-se ora de submissão e utilização, ora de funcionamento e de explicação: corpo útil, corpo inteligível. E, entretanto, de um ao outro, pontos de cruzamento.” (FOUCAULT, 2010, p. 132).

O primeiro, responsável pela pauta de inteligibilidade do corpo, possuía em René Descartes o autor de seu mais importante capítulo, responsável por anunciar a separação do corpo e do homem. Descartes e seus sucessores apontam o homem-espírito como uma criatura divina e fundamentalmente aprisionada em um cárcere físico, seu corpo-carne desprovido da sacralidade e da vida descritas anteriormente e com rigor no corpo cosmológico medieval (LE BRETON, 2011b; RORTY, 1995): “Também não era sem certa razão que eu acreditava que esse corpo (o qual, por um certo direito particular, eu chamava meu) me pertencia mais propriamente e mais intimamente do que outro.” (DESCARTES, 2011, p. 114).

Corpo com largura, comprimento e espessura, visível, apreensível, inteligível como qualquer outra coisa material e ordinária. Para o corpo isolado do homem pensante, fica reservado o lugar de coisa-objeto-natureza, que obrigatoriamente, segundo premissas iluministas e prometeicas, deveria ser estudado, recortado, retalhado por uma curiosidade ilimitada; o corpo caminha para ser dominado pela mente humana, pela Ciência (LE BRETON, 2011b; ORTEGA, 2008; SIBILIA, 2002); ele é descrito como uma máquina composta de sistemas, órgãos, tecidos e células, mas – e principalmente – o corpo é descrito como portador da finitude: o corpo-cadáver.

Essa descrição possui a clara intenção de compreensão das funções e limitações do corpo. E caminhou apoiada no discurso biomédico, tornando o corpo uma espécie de máquina social, sobre a qual fora lançada uma série de estudos que pretendiam a manutenção da saúde⁹, uma capacidade extremamente útil para a próxima e complementar descrição.

O segundo registro de descrição corresponde ao domínio do corpo, nas suas técnicas corporais e seu posicionamento perante um sistema político dominante – uma pauta utilitarista (BAUMAN, 2011; FOUCAULT, 2010). Escolas, instituições militares, hospitais e casas de saúde, penitenciárias, fábricas; os empreendimentos modernos e suas

9 “A única contribuição exigida do corpo [moderno] em si era que ele fosse capaz de reunir a força interior necessária para responder de pronto aos estímulos com vigor necessário. Essa capacidade foi chamada de saúde; inversamente, doença significava incapacidade.” (BAUMAN, 2011, p. 157).

respectivas normas (às quais Foucault chamou de disciplinas¹⁰) depositaram sobre o corpo a função pragmático-social, lugar da contingência a ser reduzida em prol da produtividade e da atuação cidadã. O vocabulário que encarna o corpo disciplinado sugere a intenção primária de garantir uma sorte de assinatura do contrato civilizatório:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (FOUCAULT, 2010, p.133).

O fortalecimento dos estados-nações, do capitalismo e da liberdade burguesa-acumuladora dependiam prioritariamente do adestramento e da exploração dos corpos humanos (FOUCAULT, 2010; LE BRETON, 2011b). A descrição moderna do corpo possuía em seu vocabulário a inclinação para um corpo envolto pelos signos de docilidade e obediência, disciplinamento e instrumentalização, ordem e progresso. Coerções público-privadas recaem sobre o corpo através de manipulações minuciosamente calculadas e correspondentes aos desejos de controle dos comportamentos, gestos e demandas fisiológicas; essas manipulações elaboram uma singular descrição: o corpo-cidadão.

Empoderadas pelo desenvolvimento técnico-científico, as instituições modernas operavam fluxos de produção, acúmulo e proteção das riquezas, tomando esse corpo ora como matéria-prima, ora como produto final de suas imposições. Esquadrihado e subjugado pela ciência, meticulosamente submetido às leis, moralidades e hierarquias, o corpo-cadáver-cidadão era o pilar central da organização política Moderna:

A constituição dos 'quadros' foi um dos grandes problemas da tecnologia científica, política e econômica do século XVIII; arrumar jardins de plantas e animais, e construir ao mesmo tempo classificações racionais dos seres vivos; observar, controlar, regularizar a circulação das mercadorias e da moeda e estabelecer assim um modelo econômico que possa valer como princípio de enriquecimento; inspecionar homens, constatar sua presença e ausência, e constituir um registro geral e permanente das forças armadas; repartir os doentes, dividir com cuidado o espaço hospitalar e fazer uma classificação sistemática das doenças: outras tantas operações conjuntas em que os dois constituintes – distribuição e análise, controle e inteligibilidade – são solidários. (FOUCAULT, 2010, p. 143).

Para a sociedade industrial que avançava pelo século XVIII e teve seu auge na primeira metade do século XX (SIBILIA, 2002), o corpo-cadáver-cidadão era uma maquinaria de trabalho, da qual pretendia-se obediência, eficiência e economia. Uma descrição

10 Em "Vigiar e Punir", Foucault (2010) descreve os processos disciplinares (coletânea de regras, estatutos e normas) como um conjunto de métodos postos opressivamente sobre o corpo com o objetivo de implementar a eficácia dos seus movimentos.

perversa, mas, pelo menos ele estava protegido, pois era fundamentalmente útil. O corpo sobreviveu aos tempos inscritos na Modernidade porque, apesar de suas incontestáveis limitações, o corpo-cadáver-cidadão era componente do “quadro vivo” responsável pela manutenção das metas modernas de sustentação dos modelos sociais (FOUCAULT, 2010).

O corpo-hedônico

A contínua automatização dos parques industriais e as mudanças significativas nos meios de produção, a transição de poder econômico dos Estados para as corporações neoliberais e a volatilidade do capital levaram à inevitável desqualificação do corpo como ferramenta de trabalho (SIBILIA, 2002).

Um novo sistema social se estabelece e, com ele, a queda dos territórios estáveis de produção e a virtualização dos valores financeiros levaram à derrocada dos modelos volumosos e sólidos da Modernidade e anunciaram a principal ruptura com o antigo eixo arquitetônico moderno: a segurança (BAUMAN, 2001, 2011). A despedida da Modernidade trazia a libertação das pressões pan-ópticas que anteriormente determinavam os papéis sociais, indicavam as metas coletivas e forneciam os constructos das identidades individuais que essencialmente agiam sobre os corpos.

A humanidade trocou a segurança opressora, baseada nos modelos pré-estabelecidos e normativamente regulados, pela insegura liberdade das escolhas individuais pós-modernas. Agora, os sujeitos vivem em um estado permanente de pressão para ignorar toda a influência coletiva no destino individual, desregulamentando e privatizando¹¹; e as identidades, outrora ofertadas como atribuições, tornam-se realizações pessoais – um projeto de vida, uma busca de fim improvável que irá possuir o corpo, como seu depositário (BAUMAN, 1998, 2011). O corpo, que antes era vigiado e oprimido, agora precisa de uma nova descrição que lhe possibilite abandonar o papel utilitário para encarnar novo paradigma, mais adequado ao tempo de consumo de identidades temporárias (LE BRETON, 2011; SIBILA, 2002). O corpo torna-se, ao mesmo tempo, alvo e flecha na corrida pelo acúmulo de prazeres, pela coleta de experiências. A Pós-Modernidade e sua vultosa fábrica de desejos elaboram, então, a próxima descrição para a corporeidade humana: o corpo-hedônico.

Beleza e estética, qualidade de vida e aptidão colocam o corpo no centro das atenções, deificando-o em uma espécie de “corpolaria às avessas”; e como resultado temos uma completa “coisificação” do corpo, não mais um meio/ferramenta de trabalho, porém, meio/objeto de consumo das sensações expostas em vitrines:

A maioria das sensações que o corpo do colecionador de prazeres pode experimentar necessita de estímulos vindos do mundo exterior. A condição consumista torna

11 Bauman (2011) apresenta a transição da Modernidade para a Pós-Modernidade através do deslocamento das construções de identidades do indivíduo, dos meios coletivizados e societais para os meios de jogo livre da iniciativa privada. Os processos de construção identitárias são agora desinstitucionalizados, seguindo um modelo de “faça-você-mesmo”, de «autoformação».

imperativo que o corpo se abra o máximo possível ao potencial de experiências ricas, cada vez mais ricas, contendo esses estímulos. A boa forma do corpo é medida pela capacidade de absorvê-las. (BAUMAN, 2011, p. 164).

Inaugura-se o tempo de um desejo que não mais é depositado sobre um objeto, mas que se apoia na fantasmagórica classificação de novidade em forma de objeto. O corpo-hedônico é alojado nesse estranho lugar de projeto inacabado, de rascunho inconclusivo. Ele afinal é a motivação de uma jornada inextinguível¹² – em busca das silhueta e aptidão perfeitas – e ainda, frustrantemente interrompido pelos ciclos corporais biológicos¹³ que impõem declínio, degeneração.

Nesse mundo instável, carne e ossos, sangue e pele são também descritos como incômodas barreiras para a avalanche do consumismo das identidades mutáveis e para a busca das cada vez menos disponíveis fontes de satisfação duradoura. Por isso o corpo-hedônico é o receptáculo dos prazeres e simultaneamente, o aterrorizante espaço “da precariedade, da morte, do envelhecimento; aquilo que é preciso combater em primeiro lugar para conjurar a perda” (LE BRETON, 2011b, p.14).

Instaurada a crise do corpo, as atenções voltam-se para essa lucrativa mercancia. Cirurgias plásticas, *bodybuildings* (treinamentos, suplementos e esteroides), *bodymodifications* (tatuagens, piercings) e a própria indústria dos cosméticos são exemplos dos artificios pós-modernos de capitalização da corporeidade humana.

O corpo-hedônico pode ser descrito como um cabide de vontades, um sustentáculo de identidades frágeis e fractais. Tem ainda a obrigação de manter-se na boa forma apoiada pelas condições de beleza e jovialidade, na mesma medida em que deve estar constantemente apto ao empilhamento de sensações, ao gozo permanente e ao prazer renovável pelo ineditismo das futuras experiências:

Um corpo em forma é altamente estimulável e um afinado instrumento de prazer, seja ele sexual, gastronômico ou derivado do mero exercício físico e demonstração de boa forma. Não é tanto o desempenho do corpo que conta, mas as sensações que ele recebe no curso de sua atuação. Essas sensações devem ser profundas e gratificantes – eletrizantes, arrebatadoras, entusiasmantes, extasiantes. (BAUMAN, 2011, p. 158).

Nesse processo, os desejos perseguem a manutenção da força, da rigidez, da juventude e da longevidade, ao mesmo tempo em que constituem os absolutamente novos

12 Sarlo (2003) descreve esse novo sujeito do consumo como um colecionador às avessas, pois previamente já sabe que os objetos desejados perderão seu total valor tão logo sejam adquiridos. O brilho que ilumina os objetos-desejos nas vitrines desaparece instantaneamente após suas aquisições e um novo desejo surge vinculado à próxima novidade suportada por outro objeto.

13 Os ciclos biológicos presentes nas fases de amadurecimento e degeneração da fisiologia humana parecem, por portarem significativa incontornabilidade, exprimir incômodo pela interrupção dos processos de aquisição de sensações e prazeres pretendidas através do corpo na pós-modernidade (ORTEGA, 2008; LE BRETON, 2011a, 2011b.)

critérios de valor do indivíduo. O corpo, afinal, é cartão de visita do self, traduzindo epidermicamente a identidade pós-moderna (ORTEGA, 2008; LE BRETON, 2011; BAUMAN, 2011). Para Ortega (2008), “a ideologia da saúde e da perfeição corporal nos faz acreditar que uma saúde pobre se deriva exclusivamente de uma falha de caráter, um defeito de personalidade, uma fraqueza individual, uma falta de vontade” (p. 47).

Ou seja, os vocabulários que descrevem o corpo-hedônico, além de imporem séries intermináveis de autoflagelações na labiríntica busca por autenticidade, pertencimento e “boa aparência”, ainda prendem os sujeitos no hostil julgamento de suas personalidades e caráter a partir de seus contornos físicos e aptidões corporais:

O desarraigamento social e a ausência de vínculos simbólicos e rituais coletivos conduzem o indivíduo a se retrair sobre si e fazer de seu corpo um universo em miniatura, uma verdade sobre si e um sentimento de realidade, que a sociedade não consegue mais lhe fornecer. (ORTEGA, 2008, p. 61).

Configura-se uma maldição literalmente corporificada, pois, ainda que haja extrema dedicação à manutenção da “boa forma”, as contingências corporais apresentar-se-ão incontornavelmente e não poderá ser obtido o ‘para sempre’ necessário à extensão de acúmulo(s) dos colecionadores. Com incontáveis sortes de experiências somáticas disponíveis, frustra o colecionador ter um álbum de validade tão curta e, portanto, incapaz de sustentar o imaginável/possível de se experimentar e usufruir. O projeto de corpo desta etapa pós-moderna está fadado ao fracasso, já que a decrepitude e a finitude são inexoráveis. O corpo se abre então para a próxima descrição, uma que permita a superação das contingências biológicas e que possibilite o alongamento substancial das coleções de experiências.

O corpo-futurível

Nas últimas décadas os mecanismos de construção de nossas identidades passaram a dialogar com um estado de alto investimento simbólico do corpo. Tomado por produto e coisa, o corpo sofre com a constante necessidade de operar transformações em uma interminável luta pela boa forma e pelo bem-estar (ORTEGA, 2008; BAUMAN, 2011).

O homem pós-moderno é marcado por um enorme cacho de vontades bioascéticas, imprevisíveis e instáveis, depositadas sobre o corpo. As práticas bioascéticas, derivadas dessas vontades, acabam levando-o a acreditar que as alterações corporais serão o caminho para o conforto, para a pretendida e conclusiva edificação do self (ORTEGA, 2008). A adaptação às regras de perfeição dos contornos corporais e a busca pela contenção de riscos compõem uma espécie de tirania da aparência e da qualidade de vida, que, suprimindo seus equivalentes modernos (bondade, coragem, sabedoria, autoconhecimento, etc.), submetem os corpos (sujeitos) às opressões paranoicas ditadas pelas normas de beleza e saúde.

As bioasceses pós-modernas deslocaram a subjetividade para o corpo e exigiram prontidão permanente para a satisfação, para a captação de prazeres, para a superação

constante dos limites físicos, demandando uma coletânea de experiências cada vez maior e mais intensa (BAUMAN, 2011; ORTEGA, 2008; LE BRETON, 2011a, 2011b). A incorporação cotidiana das mais variadas sortes de tecnologias parece corresponder a essa corrida de aprimoramento das capacidades corporais, o que, por sua vez, possibilita elevação dos níveis de plasticidade da já bastante pressionada condição corporal humana (LE BRETON, 2011; ORTEGA, 2008; SIBILIA, 2002).

Há o desejo de romper com a dimensão biológica e conseqüentemente, com as temporalidades fisiológicas do corpo. É nesta fissura que se aloja o vocabulário cibernético. Ele se alinha ao vocabulário pós-moderno do corpo apresentando sua lógica de superação da condição entrópica através da eficiência do controle, dos acoplamentos de sistemas distintos, das otimizações dos vetores de comunicação (WIENER, 1993; ASHBY, 1970), e parece plugar-se com perfeição às principais demandas da Pós-Modernidade: a acumulação de experiências e o combate à terminalidade.

Na origem da cibernética, seus principais adeptos pareciam crer nesse encontro. Um dos pais da cibernética, Norbert Wiener anunciaria esta possibilidade no início da década de 1950: “Minha tese é de que o funcionamento físico do indivíduo vivo e o de algumas máquinas de comunicação mais recentes são exatamente paralelos no esforço análogo de dominar a entropia através da retroalimentação” (WIENER, 1993, p. 26). O ciberneticista defendia as semelhanças entre seres vivos e máquinas, classificando-os como dispositivos que resistem, local e temporariamente à tendência geral de ampliação da entropia¹⁴ e que, através de suas capacidades de tomar decisão, comunicação e controle, criam ao redor um estado de equilíbrio, em um mundo pronto a deteriorar-se: “Essas máquinas podem ser usadas para suprir as faltas dos mutilados e dos sensorialmente deficientes, bem como para dar novas capacidades, potencialmente perigosas, aos já possantes.” (WIENER, 1993, p. 165).

Com tais argumentos, a cibernética revelaria paralelismos, interessantes e sugestivos, entre a máquina e o corpo humano (ASHBY, 1970). A construção simbólico-cultural desse novo vocabulário-corpo se apoia no discurso que estimula a superação dos limites do homem através de sua “maquinização”, descrevendo a próxima descrição corporal: o corpo-futurível. O corpo-futurível é descrito por um discurso original e poderoso, pelo qual as fronteiras que antes garantiam a territorialização dos universos natural e artificial, material e imaterial, eu e o outro, são borradas; e essa reinventada concepção de ciborgue¹⁵, o corpo-futurível, flutua competentemente pelas verdades recém-criadas por/para essa nova rede de poderes e saberes.

14 A medida da probabilidade de deterioração de que todos os sistemas fechados (orgânicos e/ou maquinais) possuem é chamada entropia. Ela se caracteriza pela transformação dos sistemas, de um estado organizado e diferenciado para um estado de caos e mesmice (WIENER, 1993).

15 O termo ciborgue (*cyborg*) sintetiza a expressão *cyberneticorganism* e foi cunhado por Manfred Clynes e Nathan Kline (1960) durante pesquisa que trazia pequenas alterações corporais em camundongos e apresentava a ideia de modificações para que pudessemos suportar viagens espaciais, sem depender das incontroláveis alterações genético-evolutivas. O corpo-futurível parece distanciar-se do conceito original de (corpo-)ciborgue por atender, não mais às necessidades pragmático-funcionais presentes em quaisquer adaptações a inóspitos ambientes ou tarefas específicas e sim, aos desejos estético-performáticos de uma sociedade que idolatra as novidades e claro, a capacidade de consumi-las constantemente.-

Rede esta que venera sua principal matéria-prima: os dados. O avassalador aumento da quantidade e qualidade dos dados disponíveis no ecossistema tecnomidiático gerado pelo desenvolvimento das ciências da computação e das telecomunicações amplia proporcionalmente o desejo por experiências/prazeres inéditos e ao mesmo tempo insinua e sugerem que podemos melhor navegar nesse mar de dados com as máquinas como aliadas. Nossos corpos, aproximados epidermicamente dos computadores, buscam constante conexão com esses bancos de dados intra/extracorpóreos. O corpo-futurível encarna uma corporeidade algorítmica que pretende acesso, interpretação e incorporação (em alguns casos, a própria corporificação) dos dados gerados pelas inúmeras relações humano-mundo.

Assistimos crescer o número de adeptos das tecnologias vestíveis que, mesmo sem sofrer de doenças ou quaisquer necessidades especiais, encantam-se com a utilização cotidiana de variados sensores corporais – dispositivos que apresentam funcionalidades inteligentes como smartphones, relógios e pulseiras eletrônicas - para monitorar alguns de seus dados biométricos como pressão sanguínea, frequência cardíaca, gasto calórico e, até mesmo, massa corporal através de análise de impedância bioelétrica. O processamento dessas informações possuem metas claras de manutenção da saúde e melhorias no desempenho físico que, por sua vez, desdobram-se em aptidão e longevidade para o colecionador de experiências.

Esse mesmo corpo, quando digitalizado pelo contato com a Internet, também é lido pelos modelos algorítmicos. Uma espécie de corporeidade virtualizada que permite que os dados que compõem o sujeito-corpo-físico sejam recolhidos pelos sites de busca e pelas diversas redes sociais. Essas entidades bitificadas selecionam resultados e preferências, editando o mundo e as informações que serão ofertadas/devolvidas, decidindo sobre nossos interesses, desejos, gostos, apreciações e afetos. Grandes empresas de tecnologia, como Google e Facebook, administram através desses algoritmos os dados disponibilizados pelos seus usuários para sugerir amizades, ofertar anúncios e produtos, lembrar datas importantes ou mesmo avaliar seu humor. Tudo isso sob a perspectiva/intenção de “melhoria da experiência”.

A informática participa hoje do desenvolvimento da personalidade de um número cada vez maior de usuários. As fronteiras de identidade entre pessoa e ferramenta às vezes desaparecem; novas formas de intimidade surgem com uma máquina percebida viva e que até demonstra sentimentos – inteligente o bastante para promover uma interação produtiva e que dá acesso a todo um universo de conhecimento e de comunicação. (LE BRETON, 2011a, p. 155).

Trata-se de um corpo potencialmente dataístico que expressa aproximação dos processos bioquímicos com os algoritmos eletrônicos, e que se valoriza com a ampliação das capacidades de extrair, processar e emitir dados. É exatamente a partir da verificação de que os sistemas maquímicos superam os sistemas biológicos no tratamento de dados que vemos ampliados os desejos de alterações da condição corporal humana (HAYLES, 1999; SANTAELLA, 2007). Por muitos anos, a aceitação/aprovação legal e moral destas ações de alteração corporal estava baseada na categorização que separava o natural do

artificial (MIAH, 2008), mas o corpo-futurível repudia os essencialismos, abrindo-se para as ubiquidades mutantes. Emergem descrições que validam modificações corporais em prol de atualizações, extensões e durabilidade.

Os computadores e seus programas regulam fora do corpo as funções fisiológicas; as próteses integram-se às funções e aos órgãos, substituem o biológico. A supressão das fronteiras entre o artifício e o vivo se traduz pela fabricação de biomateriais, ou pela conexão de terminações nervosas ou musculares com materiais mecânicos ou eletrônicos. As ciências biológicas, a informática, a robótica esboçam um novo mundo de sentidos. (LE BRETON, 2011a, p. 205).

Os algoritmos que constituem as inteligências artificiais podem tomar decisões por nós e operar “melhorias das experiências” funcionais e estéticas. Mas não realizam mudanças tão significativas nos sistemas bióticos quanto o são capazes de fazer nos sistemas robóticos. Por isso, em troca desses benefícios só precisamos abrir mão dos purismos, permitindo a possibilidade de fusão/substituição carbono-silício. Na esteira dessa mudança de vocabulários e de discursos encontramos variados exemplos para as novas vontades de aperfeiçoamento corporal, como as expostas pela atleta britânica Danielle Bradshaw que desejou a amputação de uma perna “normal”, já desgastada pelos excessivos treinamentos físicos, para a implantação de um membro biônico que promoveria melhor desempenho atlético (ZOBOLI; CORREIA; LAMAR. 2016). Ou ainda, sinais de uma pós-organicidade benéfica como no caso do atleta alemão Markus Rehm, que deseja autorização para competir com atletas normais, mas tem (por enquanto!) a participação negada pelas confederações internacionais de atletismo por julgarem que sua prótese lhe confere vantagens performáticas sobre os demais¹⁶.

Membros robóticos bem mais fortes que os puro-orgânicos, nano-robôs que aprimoram a respiração celular ou um coração artificial à prova de colapsos eventuais. Bastariam alguns avanços tecnocientíficos¹⁷ e um conveniente deslocamento nos padrões de beleza e... Voilà: assistiremos luxuosas propagandas televisivas anunciando através de (ciber) celebridades (superatletas e supermodelos) e sob a assinatura de alguma famosa grife, partes biônicas que ‘baixam’ arquivos de movimento e ‘enviam’ informações sobre seus usuários (exercícios profissionais, práticas de atividade física, lazer, hábitos alimentares, hábitos sexuais, etc.) e que, portanto, alinhadas ao fluxo de dados de seus fabricantes, têm garantias de constante atualização e compatibilidade com os sempre renovados desejos de experiência e prazer.

E se a própria vida pode ser compreendida como um arranjo específico de dados, sua reprodução torna-se possível desde que haja compreensão dos códigos e um novo

16 O caso ganhou evidência na mídia durante os Jogos Olímpicos do Rio-2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/sport/olympics/36565093>> (acesso em 6 de março de 2017).

17 A edição de janeiro de 2010 da revista National Geographic traz a reportagem “Merging man and machine – the bionic age. Impressiona o quão próximo estamos do desenvolvimento de próteses que, conectadas ao sistema nervoso, permitirão movimentação idêntica aos membros biológicos. Os usuários dessas peças metálicas fazem parte de um seletivo grupo de cobaias chamado *People of Tomorrow*.”

receptáculo compatível. Ideia que parece obra de ficção científica, mas que na verdade mobiliza cientistas e pesquisadores, como pode ser visto na recente produção da BBC *The Immortalist*¹⁸, que exhibe investimentos milionários na construção de avatares corporais capazes de receber a consciência humana e de preservar indefinidamente a vida, revelando, assim, a última fronteira da corporeidade que ensaia contundentemente a fusão com as máquinas.

Essa ligação tecnorgânica promete o upgrade do corpo, o aperfeiçoamento técnico na vida pessoal e profissional, a manutenção da saúde, a eficiência da ação motora, a ampliação dos sentidos e da lógica do pensamento (HAYLES, 1999; SANTAELLA, 2007). Uma corporeidade quimérica que nos oferece a possibilidade de (I) download/upload permanente de dados e informações, (II) constante reposição de peças, (III) melhorias/atualizações estético-performáticas, de (IV) salvamento de memória/consciência e, consequentemente, de (V) caminhos para a imortalidade.

Esses (cinco) ideais tecnobioascéticos, alicerces matriciais do vocabulário descritivo do corpo-futurível, insinuam que, através dos processos de hibridação com as máquinas poderemos reduzir os elementos de coerção biológica e ainda, exceder nossas capacidades corporais. Esse “corpo-de-um-futuro-possível” corresponde às necessidades pós-modernas de edificação sempre provisória da identidade e de manutenção da aptidão permanente para o interminável itinerário de acúmulo de sensações/prazer dos obsessivos colecionadores de experiências contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Seu corpo será mais brilhante
A mente, mais inteligente
Tudo em superdimensão
O mutante é mais feliz.”*

Gilberto Gil (trecho de *Futurível*)

O corpo é pura ficção. Ele constitui-se de um conjunto de representações simbólicas que são erguidas, destruídas e reconstruídas através da história do sujeito e da sociedade na qual está inserido, considerando as condições/mediações dos saberes e poderes político-econômicos vigentes.

O corpo pós-moderno é o álbum para a coleção das figurinhas de prazeres. A máquina acoplada ao corpo, por sua vez, garante o acréscimo de algumas páginas extras. Avanços tecnocientíficos incentivados providencialmente pelas indústrias e pela força do capital colocaram esses sistemas, biótico e robótico, em uma rota irrevogável de colisão-fusão.

18 Produção da BBC *The Immortalist*, apresentado em 5 de março de 2017, pelo Fantástico (Rede Globo). Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/03/bilionario-russo-investe-pesado-para-descobrir-o-segredo-da-imortalidade.html>> (acesso em 6 de março de 2017).

O corpo-futurível encarna vocabulários que descrevem a simbiose humano-máquina necessária à sociedade ciberculturalizada que vivemos. Marcada pelo hibridismo, essa descrição pós-orgânica do corpo alarga o potencial de consumo dos indivíduos, tal como esperado pelos vorazes mercados que tentam seduzi-los com intermináveis ofertas de desejos efêmeros e necessidades artificiais. Abrimos mão dos purismos e obtivemos, em troca, a possibilidade de superarmo-nos biologicamente. Misturamos carbono e silício para lidar com o incontornável dataísmo que subsidia as experiências somáticas.

As práticas bioascéticas cumpriram a tarefa de colar corpo e self, mas as tecno-bioasceses fundem corpo, self e máquina, gerando uma criatura humana portadora de uma condição tecnobioidentitária, na qual interatividade, plasticidade e a longevidade constituem as principais características de valoração desse novo projeto corporal.

A tecnobioidentidade é, portanto, o vocabulário mais sofisticado para apreender e descrever as subjetividades dos indivíduos que vivenciam o avanço do empreendimento do corpo-futurível e suas consequências. Observemos com atenção o transcorrer dessa nova mutação, pois, talvez, conforme previra Gilberto Gil, a felicidade seja mesmo feita de metal.

REFERÊNCIAS

- ASHBY, W. R. Uma introdução à cibernética. São Paulo: **Perspectiva**, 1970.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Vida em fragmentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CLYNES, M. E.; KLINE, N. S. **Cyborgs and space**. *Astronautics*, p. 26-27, p. 74-76, set. 1960. Disponível em: <<http://web.mit.edu/digitalapollo/Documents/Chapter1/cyborgs.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2014.
- COURTINE, J. (Coord.); COURBIN, A.; VIGARELLO, G. História do corpo, v. 3. **As mutações do olhar**. O Século XX. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DESCARTES, R. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FEATHERSTONE, M.; BURROWS, R. **Cyberspace/cyberbodies/cyberpunk: cultures of technological embodiment**. [S.l.]: Sage, 1996.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- HAYLES, N. How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics. Chicago: **University of Chicago Press**, 1999.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papirus Editora, 2011a.
- _____. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- MIAH, A. **Atletas geneticamente modificados: ética biomédica, doping genético e esporte**. São Paulo: Phorte, 2008.
- ORTEGA, F. **O corpo incerto**. Rio de Janeiro: **Garamond**, 2008.
- RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- SANTAELLA, L. Pós-humano: por quê? **Revista USP**, São Paulo, n. 74, p. 126-137, 2007.

- SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SILVA, T. T. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____; HARAWAY, D.; KUNZRU, H. (Org.). **Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.**
- VEYNE, P. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história.** Brasília: Ed. UnB, 1998.
- WIENER, N. **Cibernética e sociedade.** São Paulo: Cultrix, 1993.
- ZOBOLI, F.; CORREIA, E. S.; LAMAR, A. R. Corpo, tecnologia e desporto: considerações a partir do caso da paratleta Danielle Bradshaw. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 659-670, abr./jun. de 2016.

Recebido em: Setembro/2016

Aprovado em: Abril/2017